

ESPIRITUALIDADE

HUBOT, Michel, **Sous la discrète mouvance de l'Esprit. Initiation à la vie intérieure**, coll. « Épiphanie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 288 p. 215 x 145, ISBN 978-2-204-09647-8.

O autor deste livro, teólogo franciscano, teve em mente, além do mais, a marca dispersiva ou desagregadora da civilização contemporânea. Como já notara Plotino, se a dispersão e desagregação do indivíduo humano constituem a sua perdição – dispersar-se é dis-perder-se –, o reencontro de si mesmo há-de dar-se na busca da unidade e harmonia profunda de si mesmo. E isso, como diria Agostinho, faz-se seguindo o caminho da interioridade. Não admira, por isso, como observa Hubot, que no nosso tempo muitos procurem, mesmo pela via de espiritualidades seculares, de que a nebulosa da *New age* é o exemplo mais conhecido e eloquente, encontrar vias de encontro de si consigo mesmos, para «estarem bem na sua pele» e se sentirem em harmonia consigo, com os outros e com a natureza e o mundo envolventes.

O autor apresenta e oferece aqui uma pedagogia cristã da vida interior, ou das bases necessárias para uma pessoa «habitar no seu coração» e unificar a sua vida. São dezoito capítulos, de que o último constitui um guia prático para cada um percorrer os caminhos dessa vida interior. No final de cada um, há um poema, que é uma oração em termos de beleza, a incidir sobre o tema do respetivo capítulo.

Sucessivamente o leitor vai encontrando preciosos ensinamentos sobre o que é a vida interior, sobre como habitar no silêncio (que é construtivo, tal como o isolamento é destrutivo), sobre a aprendizagem

da escuta e o deixar-se olhar por Cristo tornando-se um contemplativo. Um capítulo (quarto) apresenta e comenta sete passagens dos evangelhos que nos mostram um modelo por excelência: Jesus em oração. Ensinamentos também sobre a necessidade e o modo de se deixar enxertar em Cristo e irrigar pelo Espírito Santo, sobre o novo nascimento implicado na vida em Cristo e no mistério da Água viva, sobre a dupla modalidade de oração: a oração de adoração e a oração empenhada. Um capítulo é dedicado ao valor da unidade da pessoa humana, na diversidade dos dons que o Espírito unifica, tendo em conta as funções do desejo, da memória, da inteligência, da vontade, do corpo e da ascese. Um outro ensina-nos a atravessar as noites escuras da alma, no aparente silêncio de Deus. Na sequência deste, pertinentes reflexões e pedagogia sobre as travessias do deserto e sobre a necessidade da vigilância ou de manter acesa a lâmpada interior da fé. A chamada (pela tradição ortodoxa) «oração do coração» merece também um capítulo próprio. Trata-se da invocação, tão simples como densa de humilde sentimento de confiança, como é aquela em que dizemos: «Senhor Jesus, Filho de Deus, tem piedade de mim que sou pecador». A complementaridade da oração individual e da oração comunitária é recomendada e apresentada na base da ideia da oração como uma sinfonia a várias vozes. A oração de louvor e de agradecimento é objeto de outro capítulo, na base de uma atitude de maravilhamento e no contexto das humanas situações entre o desencanto e a esperança. Por seu lado, a oração de súplica é apresentada na sua ligação com a divina Providência e com a inerente pedagogia da purificação dos nossos desejos. Deparamos também com a relação entre vida interior e inteligência espiritual, e com o amor como via de conhecimento; e com a vida interior como

escola de liberdade interior num processo de libertação jamais acabado. O capítulo 17 é dedicado à reflexão sobre cada uma das invocações do «Pai nosso», sob o signo da relação filial. O último capítulo apresenta, como ficou já referido, um guia prático sobre os caminhos da vida interior: onde e quando rezar; dar tempo («*durer*») ao face a face consigo mesmo e com Deus; erros frequentes a evitar; componentes da meditação; etapas do caminho interior: conversão ou via purgativa, iluminação pelo conhecimento de Cristo; via unitiva que leva à intimidade com o mesmo Cristo.

Este livro pode considerar-se um excelente manual de teologia espiritual, ao mesmo tempo que um rico texto para leitura espiritual.

RAUL AMADO

EGUIARTE BENDÍMEZ, Enrique A., OSA, **El clamor del corazón. 10 Palabras sobre la oración en san Agustín**, Editorial Agustiniana, Guadarrama (Madrid), 2012, 340 p, 210 x 125, ISBN 978-84-92645-25-1.

Santo Agostinho foi «mestre do Ocidente» durante muitos séculos e, para muitos homens e mulheres cristãos, continua ainda a sê-lo. Mestre do pensamento e, por ele, modelador da cultura. Em particular do pensamento teológico e filosófico. Mas foi-o e ainda é, também no campo da espiritualidade, não fosse um dos seus lemas «*Deum et animam scire cupio. Nihil amplius*». Ele foi também homem do coração, facto que, como é sabido, se perpetua na memória dos séculos na própria iconografia.

Este livro, escrito por um dos monges seus discípulos, tem isso bem presente. Se foi um místico ou não, é problema que este

coloca em algumas páginas iniciais. Se não o foi no sentido dos grandes arrebatamentos ou êxtases, foi-o certamente na tensão mística de todo o seu *élan* vital de homem, de pensador e de crente. E o que é mais admirável é que Agostinho foi um contemporâneo na acção, um bispo com imensas preocupações e tarefas e um homem de oração em toda a sua actividade. O autor seleccionou dez palavras que servem para descrever como era a oração deste grande convertido. A cada uma delas dedica um capítulo próprio.

A primeira delas é a palavra «dom». Doutor da graça, sabemos quanto o santo doutor desconfiava das próprias forças espirituais e quanto, como S. Paulo, atribuída tudo o que em nós é bem ao dom gratuito de Deus todo bondoso e todo poderoso, que gosta de dar-nos o que necessitamos, desde que diante dele nos apresentemos de coração humilde.

A segunda palavra é «procura». Ideia-mestra em todo o pensamento agostiniano, a procura tem fundamento evangélico, naquilo que Jesus disse: «Procurai e achareis» (cf. Mt 7, 7). A oração é procura porque é o clamor do coração, de um coração enamorado.

A terceira palavra é «fé». É a fé que sustém a oração. Já assim era também com os que, aflitos, se aproximavam de Jesus buscando diversas formas de salvação. E é conhecida a resposta deste: «A tua fé te salvou». Eguiarte Bendímez sublinha em Agostinho a necessidade de orar com três verbos: chamar, procurar, pedir.

Quarta palavra: «conversão». A conversão, em Agostinho, não foi apenas um acontecimento da sua vida. Tornou-se em todo o seu pensamento uma categoria fundamental, muito inspirada na *epistrophê* de Plotino. A vida só é vivida com sentido e colheita de felicidade se for um contínuo voltar-se para o supremo Bem. Isso tem